

EUPHRASE KEZILAHABI

ROSA MISTIKA

Um clássico da
literatura africana,
pela primeira vez
no Brasil



EUPHRASE
KEZILAHABI

ROSA MISTIKA

Tradução do suaíli para o inglês:

Jay Boss Rubin

Tradução do inglês para o português:

Carolina Cândido

Prefácio:

Annmarie Drury

TUSQUETS
EDITORES

Copyright © Euphrase Kezilahabi (East African Literature Bureau, 1971; segunda edição Dar es Salaam University Press, 1988).

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026

Copyright da tradução do suaíli para o inglês © Jay Boss Rubin, 2025

Copyright da tradução do inglês para o português © Carolina Cândido, 2026

Copyright do prefácio © Annmarie Drury, 2025

Publicado mediante acordo com a Yale University Press.

Todos os direitos reservados.

Título original: *Rosa Mistika*

Preparação: Manu Veloso

Revisão: Ligia Alves e Luana Negraes

Projeto gráfico: Jussara Fino

Diagramação: Negrito Produção Editorial

Capa da edição Tusquets: adaptada do projeto gráfico original de Companhia

Ilustração de capa: Sarah Schulte

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Kezilahabi, Euphrase

Rosa Mistika / Euphrase Kezilahabi ; tradução de Carolina Cândido. – São Paulo :

Planeta do Brasil, 2026.

160 p.

ISBN 978-85-422-4415-1

Título original: Rosa Mistika

I. Ficção tanzaniana I. Título II. Cândido, Carolina

26-3710

CDD 896.3923

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção tanzaniana

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Utopia
Std e impresso pela Lis Gráfica
para a Editora Planeta do Brasil
em setembro de 2026.

Sumário

9 Prefácio, por Annmarie Drury

17 PARTE UM

19 Capítulo 1

28 Capítulo 2

35 Capítulo 3

45 Capítulo 4

51 Capítulo 5

57 Capítulo 6

66 Capítulo 7

75 PARTE DOIS

77 Capítulo 8

84 Capítulo 9

98 Capítulo 10

111 Capítulo 11

126 Capítulo 12

135 Capítulo 13

151 O caso da Rosa Mistika

153 Agradecimentos do tradutor, por Jay Boss Rubin

1.

No lago Vitória, como é conhecido hoje, há uma ilha a cerca de cinquenta quilômetros de Mwanza chamada Ukerewe. Em um dia sem neblina, é possível vê-la lá do litoral. No meio da ilha, uma enorme construção erguida pelos alemães ainda se mantém de pé. Perto há uma árvore de força — quer dizer, a árvore que era usada para enforcar pessoas negras. O antigo prédio da era colonial marca o centro de Namagondo. Não muito longe dali vivia uma mulher chamada Regina.

Regina era conhecida em toda a aldeia. Se você a visse caminhar, pensaria que ela tinha medo de criar furos na terra de Deus; mas, se de fato perguntasse, ela diria: “Tenho medo de esmagar qualquer uma das criaturas de Deus”. Ela tinha o hábito de lambe os dedos enquanto comia. Quando as filhas zombavam dela por causa disso, ela dizia: “Meus bebês, vocês ainda não eram vivas na época da última fome. A gente comia raízes de árvores. Uma pessoa podia ser comprada por um galão de milhete!”. Mas, desde que se casara, ela nunca mais ficara bem: era atormentada e torturada pelo marido, por um erro que não havia cometido.

Em toda a aldeia de Namagondo, Regina era a única mulher que acabava sendo espancada praticamente todas as semanas. Muitas das mulheres da vila se perguntavam por que ela não queria deixar o

marido. Algumas sentiam pena dela; a maioria, porém, achava que ela era uma tola.

Regina tinha cinco filhas, todas meninas, todas bonitas como a mãe. A esperança de continuar vivendo com elas, o marido lhe dissera, dependia de ela levar a termo a gravidez que naquele momento chegava ao quinto mês. Regina não teria precisado que lhe dissessem isso, muito menos que a lembrassem. Ela entendia. Regina entendia: cuidava para não dormir de bruços, evitava peixes com espinhas pequenas, não carregava nada pesado. Morria de medo de sofrer um aborto. Não era apenas a gravidez que fazia com que Regina não deixasse o marido; havia também o amor que sentia pelas filhas. Ela não queria se separar delas; sem ela, o marido seria incapaz de cuidar das crianças. Todos os seus pensamentos giravam em torno da felicidade e do futuro das filhas.

Pensamentos como esses rodopiavam na cabeça de Regina quando ela ouviu uma voz ao longe:

— Hoi! Hoi! Hoi!

Ela entendeu. Regina entendeu quem era e em que estado aquela pessoa se encontrava: era uma voz com a qual já estava familiarizada havia muito tempo. No mesmo instante, apressou as filhas para a cama. A voz se aproximava, e agora Regina já conseguia distinguir as palavras que eram ditas.

— Todo dia eu encontro eles lá... todo dia! Já disse que todos os feitiçeiros de Namagondo juntos não dão conta de mim, mas será que eles escutam?

A voz agora estava bem do lado de fora da casa. As crianças se encolheram debaixo das cobertas, o mais quietas que conseguiam.

— Regina! Abra a porta.

Regina se levantou devagar e foi abrir.

— Os feitiçeiros tentaram me matar de novo agora há pouco, ali perto da estrada, mas eu os expulsei! TODOS eles! Você não ouviu eles correndo?

Regina não respondeu.

— Cadê minhas filhas? — perguntou Zakaria.

— Já foram deitar — respondeu Regina, com toda a deferência que conseguiu reunir.

— Que tipo de esposa é você? Respondendo desse jeito atravessado. Vai acordar elas — resmungou ele —, quero vê-las.

Com tristeza, mas sem reclamar, Regina foi até o quarto das crianças. Tinha medo de apanhar. Entre as filhas de Regina, Rosa Mistika, ou Rosa, para abreviar, era a primogênita. Rosa era uma moça bonita, alta, humilde e não muito falante. Quando ia à nascente para se banhar, olhava para todos os lados antes de tirar a roupa. Ela se despia e tomava banho às pressas antes de voltar a se vestir, enchendo então o recipiente de água e voltando para casa. Muitas vezes, quando chegava, descobria que ainda tinha bolhas de sabão atrás das orelhas. Não gostava de ser observada. Se alguém a encarasse, ela abaixava a cabeça. Rosa tinha quinze anos e cursava o sétimo ano.

Quando Flora ia à nascente, passava muito, muito tempo se admirando antes de começar o banho. Olhava para os seios, agora grandes; deslizava as mãos pelas costas até as dobras das nádegas; depois passava pelo peito e acariciava a curva do ventre; então tornava a se admirar dos pés à cabeça. Depois do banho, esperava o sol secar sua pele antes de se vestir novamente. Se fosse à nascente às duas da tarde, só voltava para casa às cinco, com a pedra de esfregar na mão — mesmo a nascente ficando a apenas um quilômetro dali. Todas as vezes, a mãe a xingava por ser preguiçosa. Se Regina mandava Flora trabalhar na roça da família, ela pegava uma das irmãs mais novas e a acomodava na cintura. Se lhe pediam para acender o fogo para cozinhar, Flora arrancava capim seco do telhado da cozinha em vez de buscar lenha no quintal.

Depois de Flora vinha Honorata. Honorata cuidava do próprio campo de algodão. Gostava de trabalhar. Muitas vezes, era possível ouvi-la procurando pela enxada. Embora fosse bonita, parecia não

se dar conta disso: vestia qualquer roupa velha e não se preocupava em passar óleo no cabelo.

— Água já basta — dizia ela.

Honorata tinha nove anos e cursava o terceiro ano.

Depois vinha Stella. Se alguém passasse para cumprimentar a família, podia encontrá-la sentada no chão com as pernas escancaradas. Se a mãe dissesse: “Ah, ah, Stella!”, a menina corrigia a postura e ria, mas voltava a abrir as pernas assim que Regina virava as costas.

Quando havia visitas, Stella subia nas costas das pessoas. Certa vez, usou a bengala de um convidado para limpar cocô de galinha da sola do pé. Mas, sempre que a mãe cometia o erro de discipliná-la com um tapa, Stella se recusava a comer o dia inteiro, até ser mimada e afagada. Já havia caído de árvores duas vezes. Suas roupas viviam rasgadas bem no meio. Era comum ver Stella correndo enquanto segurava as partes das roupas para não deixar a barriga à mostra. Assim era Stella, o xodó do pai.

Sperantia ainda não sabia falar direito. Se alguém lhe perguntasse: “Você quer um doce?”, ela respondia: “Quero”. Se perguntassem: “Você quer apanhar?”, ela dizia a mesma coisa. Certo dia, foi picada por um escorpião, e Regina não conseguia descobrir em que parte do corpo aplicar o remédio. Sperantia apontou para a cabeça, depois para os braços, depois para os pés.

Quando Zakaria entrou em casa, as meninas fingiram estar dormindo, mas ouviram cada palavra dita pelo pai. Como Rosa já havia começado a menstruar, foi deixada em paz. Flora, que cursava o quinto ano, foi obrigada a se levantar, junto de Honorata e Stella. Assim que ficaram diante do pai, Zakaria começou com suas palhaçadas de sempre.

— Muito bem, limpem o sono dos olhos! For-mar! Aten-ção! — começou ele. — Aten-ção! — repetiu. — Sentido! Descansar! — Em seguida, mandou que marchassem no lugar: — Esquerda, direita, esquerda, direita! Braços para cima! Braços para baixo! Cima! Baixo!

— Estou cansada — disse Stella. As outras riram dela.

— Muito bem, agora cantem! — ordenou Zakaria às filhas. Ele deu a deixa: — *Lá foram elas caçar um dia...*

As meninas se alinharam e começaram a cantar:

*Lá foram elas caçar um dia, para a floresta caminharam.
Quando viram o velho Coelho, com os cães atrás dele correram.
O Coelho correu tão depressa que se enfiou no buraco.
No buraco cantou sua canção, sua triste, triste canção:
Não provei cabaça, não cheguei à plantação.
Que erro eu cometi para os cães atrás de mim lançarem?*

— De novo! — ordenou Zakaria. As crianças recommençaram, desde o início.

Muitos anos antes, Zakaria fora professor, mas acabara sendo demitido por causa da bebida. Os vizinhos diziam que ele se importava mais com o álcool do que com as crianças: não havia pagado uma única moeda sequer das mensalidades escolares das próprias filhas. Se elas estudavam, era graças à mãe, parabéns a Regina. Ela dedicava enorme esforço à plantação de algodão e, com o dinheiro que ganhava, sustentava as filhas. Mas o que realmente permitia a Regina pagar a educação das crianças? O gado. Regina herdara quatro vacas do pai quando ele morrera. Para conseguir sobreviver, já havia sido obrigada a vender duas. Enquanto isso, Zakaria não conseguira sequer colocar um telhado decente sobre a cabeça da família. Noite após noite, as estrelas brilhavam através dos buracos no teto. De sexta a domingo, Zakaria saía para beber; nos outros dias da semana, ficava deitado fingindo estar doente. A esposa não sabia quantos xelins ele tinha no banco, mas observava atentamente suas bebedeiras semanais.

Enquanto as filhas cantavam, Zakaria dançava — pulava de um lado para o outro, para a frente e para trás. Talvez tudo tivesse terminado bem se Stella não tivesse começado a tagarelar. Ela não sabia guardar segredo, talvez por ainda ser pequena demais. Duas vezes

Regina já apanhara por causa da língua solta da menina. Em duas ocasiões diferentes, Stella anunciara que um homem tinha aparecido para visitar a mãe. Eram apenas vendedores ambulantes, mas, aos olhos de Zakaria, Stella revelava verdades escondidas. Era por isso que ele a amava tanto.

— Papai, papai — chamou Stella.

— Hum — respondeu ele.

— Hoooje! Hoooje! A Rosa ela... ela recebeu uma carta — desatou a falar. — Uma carta junto com vinte xelins. Ela mostrou pra gente e tudo.

Zakaria ficou transtornado no instante em que ouviu a notícia. Rosa foi chamada. Ela entrou no cômodo, arrastando o lençol atrás de si. Antes mesmo que pudesse dizer uma palavra, o golpe veio, e ela caiu no chão. Rosa tentou se levantar e fugir, mas o lençol se enroscou em seus pés e ela caiu de novo. Estava à mercê do pai.

— Me traga a carta! Onde está? Traga junto o dinheiro que te deram. Está achando que precisamos de caridade, é isso?

Rosa apanhou de novo e de novo, tapas de mão aberta, um atrás do outro, até o sangue começar a escorrer da boca e do nariz.

— Papai, tenha piedade de mim! — gritou Rosa. — Não vai acontecer de novo. Eu prometo!

O lençol desapareceu, arrancado de seu corpo. Apenas a roupa de baixo a salvou de ficar completamente exposta — ai daqueles que contemplam os seios já crescidos da própria filha! Regina começou a uivar. As lágrimas desciam em cascata por seu rosto. Assim que as crianças viram a mãe chorar, passaram a chorar também. O caos foi completo. Até Stella chorava. Zakaria não se importou; agarrou a bengala e, rugindo, perseguiu a filha mais velha até o quarto que ela dividia com as irmãs.

— Você vai me mostrar essa carta! — berrou para Rosa. — Quer seguir o caminho de devassidão da sua mãe, é isso?

Humilhada, Rosa pegou a mochila escolar. Retirou a carta de dentro do caderno de geografia, junto de cinco xelins. Entregou o

dinheiro ao pai; a carta, ela amassou e enfiou na boca. Tentou mastigá-la, mas o pai a agarrou pelo pescoço. Rosa não cuspiu o papel. Zakaria apertou com mais força. Os olhos de Rosa começaram a ficar vermelhos, a língua pendia para fora da boca, até que a carta caiu no chão. Estava ensopada, como uma galinha vomitada por uma píton. Zakaria a apanhou imediatamente.

— Quem te deu esta carta? Diga o nome dele — ordenou.

Com enorme dificuldade, Rosa conseguiu murmurar:

— Charles.

Charles era um kijana magro, um pouco alto, de pele clara e rosto muito bonito. Naquela época, estava sendo criado pelo tio Ndalo para poder frequentar a escola. Quando passou no exame no fim do quarto ano, foi selecionado para estudar na Escola Primária Superior de Murutunguru. Como morava em Itira, a cerca de onze quilômetros dali, foi obrigado a se mudar para mais perto. No dia em que chegou à casa do tio, encontrou Rosa visitando Bigeyo, tia de Charles e esposa de Ndalo. Charles foi apresentado a Rosa, e Rosa a Charles. Assim descobriram que seriam colegas de classe. Como Ndalo e Bigeyo não haviam sido abençoados com filhos, cuidavam de Charles como se fosse deles.

Todas as manhãs, Charles esperava Rosa para que fossem juntos à escola. À tarde, acompanhavam um ao outro para casa. Zakaria nunca dissera nada a respeito, pois via a filha como ainda muito jovem. Dois anos já haviam se passado assim. Depois de três anos de caminhadas diárias, estavam no sétimo ano, e todo o caminho que haviam percorrido juntos os fizera se apaixonar. Nenhum dos dois, porém, tivera coragem de confessar o que sentia. Por fim, Charles percebeu que sua permanência na casa do tio e da tia estava chegando ao fim e reuniu coragem para escrever a carta.

Se o vento não estivesse soprando para o oeste naquela noite, Charles, o tio e a tia teriam ouvido os gritos; a distância entre a casa de Ndalo e a de Zakaria não passava de quatrocentos metros. Charles já havia se recolhido à sua cabana de palha de um único cômodo.

Lia o *Kiongozi*, o jornal católico semanal, quando ouviu alguém chamando. Abriu a porta e saiu, vestido apenas com um lençol. No centro do terreno, Zakaria estava de pé ao lado da filha, segurando uma lança. Rosa ainda chorava. Ndalo e Bigeyo também saíram para o quintal, enrolados em lençóis. Veja só! Eis que a lua e as estrelas brilhavam sobre eles. Pareciam anjos enviados do céu para testemunhar a crueldade terrena — não apenas entre ser humano e ser humano, mas entre pai e filha. Zakaria começou a falar em voz alta:

— Charles! A partir de hoje, você vai parar de andar com a minha filha. Fique com esses seus xelins miseráveis! — disse, atirando o dinheiro de papel em direção ao rapaz. — Acha que somos pobres? Que não sabemos trabalhar, que não temos mãos?

Dito isso, agarrou Rosa pela nuca, apertando o colarinho do vestido, e começou a empurrá-la para casa. Quando chegaram, Rosa viu que Regina já havia aquecido água para aliviar os ferimentos de seu rosto e para que ela pudesse limpar o sangue da boca. Depois que a mãe a lavou, Rosa foi se deitar. Chorou praticamente a noite inteira.

Zakaria desamarrotou a carta assim que chegou ao quarto. Respirou fundo e começou a lê-la, com grande dificuldade.

Namagondo,
Caixa Postal Lover's Lane,
Ukerewe

À minha amada Rosa Mistika,

Você, você, rosa misteriosa! Você, minha irmã de afeto que mora logo ali, tão perto! Abra os olhos para esta breve declaração de amor. Todas as noites sonho com você; quando não sonho, fico acordado pensando em você. Não aguento mais. Responda-me depressa, por favor. Desejo a você muito sucesso na prova!

*Seu, na esperança e no amor,
Charles Lusato*

Zakaria apagou a lamparina, e o sono logo o venceu. O vento entrou suave pela janela e se espalhou pela casa. Zakaria ouviu-o assobiar em seus ouvidos enquanto se enfiava debaixo das cobertas. Era como se o vento tivesse entrado para dizer *Amani duniani kwa watu wenye malezi mema*.

Paz na terra a todos aqueles de boa criação.

TUSQUETS
EDITORES

ROSA MISTIKA



O controverso clássico suaíli, de um dos escritores mais reverenciados da Tanzânia, proibido no momento de sua publicação e recentemente traduzido para o inglês pela primeira vez.

A adolescente Rosa vive com os pais e quatro irmãs mais novas em uma aldeia na ilha de Ukerewe, no Lago Vitória, onde frequenta a escola local e ajuda no trabalho da fazenda da família.

A vida seria relativamente tranquila não fosse o pai de Rosa, que bebe até perder os sentidos e agride a esposa e as filhas. Inicialmente aliviada por ser admitida em um internato no continente, Rosa logo descobre que está despreparada para a vida fora de sua aldeia. À medida que se acostuma à atenção — e às manipulações — dos homens, ela começa a compreender sua sexualidade como uma arma. Mas essa compreensão, nascida da necessidade de sobreviver em um mundo de padrões duplos, tem um preço.

Rosa Mistika é uma exploração narrativa radical da condição feminina, do amor materno, da agência e da autoridade. É considerado o primeiro romance em suaíli a abordar questões como violência doméstica, coerção sexual e aborto. Por meio da história de uma jovem mulher e de sua comunidade, o livro coloca uma pergunta duradoura: até que ponto somos responsáveis pelas escolhas que fazemos e até que ponto somos moldados por forças fora de nosso controle?

“Originalmente escrito em 1971, o romance de Kezilahabi sobre as mudanças de atitudes culturais na Tanzânia, particularmente em relação à sexualidade feminina, tornou-se um clássico. [...] Situado entre o realismo social e a narrativa fabulista, o romance levanta questões morais sobre as responsabilidades dos pais e os efeitos da libertação das mulheres, sem poupar ninguém e sem impor julgamentos definitivos.”

— *THE NEW YORKER*

TUSQUETS
EDITORES



9 788542 244151